



GUERRA NO LESTE EUROPEU

"Ato de terrorismo"

Kremlin anuncia a prisão de uzebeque de 29 anos por envolvimento no assassinato do general Igor Kirillov, comandante da divisão de armas químicas do Exército russo. Suspeito teria sido recrutado e monitorado por forças especiais ucranianas

» RODRIGO CRAVEIRO

Cerca de 24 horas depois de um patinete-bomba matar o general russo Igor Kirillov — comandante das forças russas de defesa radiológica, química e biológica da Rússia — e um assessor, em Moscou, o Serviço de Segurança Federal russo (FSB, antiga KGB) anunciou a prisão de um uzebeque de 29 anos pelo atentado. As autoridades classificaram o duplo assassinato como "ato de terrorismo". O suspeito teria confessado, em interrogatório, que foi recrutado pela inteligência ucraniana, sob a promessa de receber US\$ 100 mil (cerca de R\$ 629 mil).

Segundo a agência de notícias russa Tass, o homem atendeu às ordens do serviço secreto de Kiev e, depois de desembarcar em Moscou, recebeu um dispositivo explosivo caseiro e o colocou sobre o patinete elétrico, ao lado do acesso ao prédio onde Kirillov morava.

Ainda de acordo com a Tass, o uzebeque alugou um carro e instalou uma câmera com tecnologia Wi-Fi no automóvel, de onde transmitiu o atentado, ao vivo, para conspiradores baseados na cidade de Dnipro, na Ucrânia. Além dos US\$ 100 mil, os responsáveis por encomendar o atentado se comprometeram a transferir o assassino para fixar residência em um país da União Europeia (UE). A FSB divulgou que o próprio suspeito detonou os explosivos, a distância, às 6h12 (0h12 em Brasília) de terça-feira, no momento em que Kirillov e o assessor saíam do prédio e caminhavam em direção a um carro.

"Está claro quem ordenou o ato de terrorismo. E mais uma vez está demonstrado que o regime de Kiev não se priva de métodos terroristas", declarou o porta-voz da Presidência russa, Dmitri Peskov. Até o fechamento desta edição, o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, não tinha feito qualquer declaração sobre o caso.

Regras da guerra

Angelo Segrillo, professor de história da Universidade de São Paulo (USP), disse ao **Correio** que há fortes indícios de que os serviços secretos ucranianos participaram do assassinato de Kirillov. "O ataque pode ser visto como terrorismo, por

Alexander Nemenov/AFP



Perito vistoria corpo do assessor de Igor Kirillov, no centro de Moscou: mortes ocorreram durante explosão de patinete-bomba

Nicolas Tucet/AFP



Chefe da Otan e líderes europeus se reúnem com Zelensky

Depois de uma reunião bilateral marcada pelo abraço com o presidente da França, Emmanuel Macron, o líder ucraniano, Volodymyr Zelensky, foi recebido, em Bruxelas, pelo secretário-geral da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), Mark Rutte, e por vários dirigentes europeus, para discutir a situação da guerra entre ucranianos e russos. A pequena reunião de cúpula informal na residência oficial de Rutte em Bruxelas é "uma boa oportunidade para falar sobre garantias de segurança para a Ucrânia, para hoje e para o futuro", disse Zelensky. Participaram do encontro a primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni, e o chanceler alemão, Olaf Scholz, além de funcionários do alto escalão de Dinamarca, Países Baixos, Polônia e Reino Unido. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e o presidente do Conselho Europeu, António Costa, foram convidados como representantes da União Europeia (UE).

ser um ato que não está dentro do ordenamento da guerra. No entanto, trata-se de algo muito comum, que ocorre de forma oculta. A Ucrânia justifica isso ao dizer que o general tinha um comportamento também fora das regras da guerra. Kirillov

trabalhava com o programa de armas biológicas, algumas delas, proibidas", explicou.

O estudioso defende cautela na análise do atentado. Segundo ele, na história da Rússia, quando ocorrem assassinatos políticos, são muito comuns prisões

de pessoas do Cáucaso, do Uzbequistão e da Chechênia. "No caso do político liberal Boris Nemtsov (crítico do presidente Vladimir Putin, morto em 27 de fevereiro de 2015), prenderam um checheno. Muitas vezes, existe a desconfiança de que essas pessoas possam

ser usadas como bodes expiatórios. Talvez até em troca de recompensa no futuro e de ser solto", comentou Segrillo.

Ele não descarta que a Ucrânia tenha usado assassinos de outro país. "O mundo da espionagem é, por definição, fora das



Está claro quem ordenou o ato de terrorismo. E mais uma vez está demonstrado que o regime de Kiev não se priva de métodos terroristas"

Dmitri Peskov, porta-voz da Presidência da Rússia

US\$ 100 MIL

Valor que teria sido prometido ao uzebeque pela morte de Igor Kirillov, segundo as autoridades russas

normas. Se eu tivesse que apostar minhas fichas, parece haver o envolvimento da Ucrânia. É um padrão que tem crescido nos últimos meses: assassinatos seletivos de funcionários russos", citou Segrillo. Ele acredita que a Ucrânia tenha intensificado esses crimes antevidas dificuldades depois da posse de Donald Trump, nos EUA, em 20 de janeiro.

Retirada

Professor de política comparada da Universidade de Kyiv-Mohyla, Olexiy Haran considera que o assassinato foi uma operação dos serviços de segurança da Ucrânia. "Quanto às denúncias de terrorismo, vale destacar que a Rússia é um Estado terrorista que invadiu o nosso país", disse ao **Correio**. "O Brasil deveria reconhecer que isso é uma guerra, não um conflito ou uma crise, e exigir a retirada das forças russas da Ucrânia. Parar de comprar a narrativa de Moscou."

Haran reiterou que Kirillov era um alvo legítimo. "Ele comandava tropas que usaram armas químicas umas 3 mil vezes. São armas proibidas, que a Rússia continua a utilizar contra a Ucrânia. A morte de Kirillov foi uma resposta assimétrica a um país que tem preponderância em contingente e em equipamento bélico."

SÍRIA

De olho em R\$ 1,5 bi enviados à Rússia por Al-Assad

Sob ordens de Bashar Al-Assad, o Banco Central da Síria transferiu, por via aérea, cerca de US\$ 250 milhões (ou R\$ 1,5 bilhão) para Moscou entre 2018 e 2019. A informação foi divulgada pelo jornal britânico *Financial Times*, que teve acesso aos documentos sobre o aporte financeiro. Autoridades do novo regime sírio e de outros países esperam reaver o dinheiro.

Andrew Tabler, ex-funcionário da Casa Branca envolvido na investigação sobre os bens da família do ditador, admitiu ao jornal *Wall Street Journal* que haverá uma "caça aos ativos" de Al-Assad em âmbito internacional. "Eles tiveram muito tempo antes da revolução para lavar seu dinheiro. Eles sempre tiveram um Plano B e, agora, estão bem equipados para o exílio", declarou.

A transferência da fortuna de Bashar ocorreu no momento em que a Síria estava desesperadamente

carente de moeda estrangeira. O carregamento, de quase duas toneladas, consistiu em notas de US\$ 100 e de 500 euros. O dinheiro deixou Damasco em direção ao aeroporto de Vnukovo, em Moscou, e foi depositado em bancos russos.

De acordo com a reportagem, Al-Assad enviou o montante enquanto estava em dívida com o Kremlin pelo apoio militar fornecido pelo governo de Vladimir Putin. Familiares do ditador sírio secretamente compraram ativos na Rússia.

Ex-amigo de Al-Assad, Ayman Abdelnour não se surpreendeu com a notícia. "Todos os ditadores do mundo mantêm seu dinheiro fora de seu país. Por essa razão, a economia, sob uma ditadura, se apresenta em condições ruins. Ditadores sempre têm medo de serem derubados, de sofrerem golpes militares. Eles costumam antever uma fuga", explicou ao **Correio**, por telefone,

Ozan Kose/AFP



Rebelde mantém guarda diante da residência de verão de Bashar Al-Assad, em Latakia, à beira do Mar Mediterrâneo

o representante da oposição a Al-Assad no exílio (em Washington).

Ainda segundo Abdelnour, o ex-presidente Hafez Al-Assad, pai de Bashar, também concentrava uma

fortuna fora da Síria. "Ele distribuía o seu dinheiro por vários países europeus, principalmente a Suíça, por nações do Golfo Pérsico e pela própria Rússia", observou.

Eu acho...

Arquivo pessoal



"Não foi Bashar quem começou a tirania na Síria. Ele a herdou de seu pai, Hafez Al-Assad, que governou por 30 anos. Houve muito dinheiro descoberto no nome de Hafez. Bashar herdou o regime e todo o dinheiro da família. Ele não amedahlou a fortuna durante sua presidência. Isso é parte do negócio da família."

Ayman Abdelnour, ex-amigo de Bashar Al-Assad e representante da oposição síria no exílio

Cooperação

A Turquia e o Líbano acordaram em atuar juntos na Síria, para auxiliar o vizinho depois da queda de Al-Assad. "Uma nova era começou na Síria. Concordamos que devemos agir juntos, como dois importantes vizinhos da Síria", afirmou o presidente turco,

Recep Tayyip Erdogan, durante uma coletiva de imprensa conjunta com o primeiro-ministro libanês, Nayib Mikati. "A estabilidade da Síria determina a estabilidade da região", acrescentou. "Este é um período-chave no qual devemos agir com unidade, solidariedade e reconciliação", continuou ele. (Rodrigo Craveiro)